



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO III

Nº 20

JANEIRO - FEVEREIRO 95

EDITORIAL

Ano Novo. Vida Nova. Novos horizontes se delineiam à nossa vista e as esperanças renascem com os tons vivos da madrugada do porvir. Deixemos à margem as angústias e pezares naturais à nossa condição humana e fitemos as horas que virão com alegria e entusiasmo otimista. Sabemos que a vida não é fácil, pois viver é um pouco de sofrer e um pouco mais de venturas, e o simples fato de desfrutar da benesse da existência física já por si é um desafio. Nada mais importa e prossigamos em frente, sem tibiezas. Lembremo-nos de nossos ancestrais, enfrentando a crueza da época, com as situações as mais difíceis e mesmo assim criaram o pão, alimento dos deuses, a roda e traçaram as tintas primitivas da arte pictórica com as gravuras ruprestes nas paredes das cavernas onde viviam. Atravessaram os tempos com vigor e energia, sem esmorecimentos. Temos o dever, portanto, presumivelmente mais evoluidos, de encarar os momentos atuais com a mesma determinação, conscientes de que nossa postura erecta não é uma dádiva da natureza e, sim, o resultado de um processo evolutivo da escala humana, vinda do nada. E ainda somos nada. Em razão disso, permaneçamos de pé, ânimo elevado e com a decisão de caminharmos para o futuro que no s aguarda, de alma limpa e vontade de vencer, sem pensar nos obstáculos que possam surgir. Ano Novo, vida nova e que Deus nos ampare nessa jornada rumo ao infinito.

Oyama Ituassú

DOAÇÃO

Oyama Ituassú

*Quando e onde você estiver,
chame-me e eu irei.*

*Quando a dor acicatar seu peito
eu irei, para amenizar seu sofrimento.*

*Tudo o de que precisar, diga-me
e eu irei para dar-lhe paz.*

*Todas as cousas passam
e todas as cousas morrem.*

*Mas meu amor não passa
e nem meu amor morrerá jamais.*

Porque pertenço a você.

*Nos bons e maus momentos,
nas intranquilidades e angústias,
sempre estarei junto a você,
partilhando das alegrias e tristezas.*

Tudo porque pertenço a você.



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Impressão: GRAFIMA - Gráfica Industrial de Manaus Ltda

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

A Musa de Jerusalém

XXII - Pedro, pescador e pedra

"Na verdade, o espanto se apoderara dele e de todos os que estavam com ele, por causa da pesca que acabavam de fazer; e também de Tiago e João filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão. Mas Jesus disse a Simão: "Não temas; de agora em diante serás pescador de homens!"

(Lc 5, 9-10)

Max Carpentier

Nas tuas viagens a Damasco, Musa, costumavas ir pela Estrada do Centro, passando por Betel, Siquém, Nazaré, Magdala e Cafarnaum, onde tomavas a Via Maris, demandando a Síria.

A caravana, mais da vezes, chegava a Cafarnaum ao amanhecer, e lá se demorava para repouso e reabastecimento de viveres até o cair da tarde. Aproveitavas então o dia para reveres amigos e lugares nessa antiga "aldeia da consolação", porta para a rica e helênica Decápolis e pátria do profeta Naum, o justiceiro de Ninive.

Antes da visita ao próspero centro comercial e ao túmulo do profeta, te reunias ao povo na tradição de esperar a volta dos pescadores, às margens do Mar da Galiléia. Eles regressavam no último instante da aurora, com seus barcos cercados por um céu de gaiivotas, e, ancorados na areia despertante, levantavam seus peixes à luz do dia.

Certa manhã, Simão consertava sua principal rede de malhas fortes, quando te aproximaste. Era estranho que o líder dos pescadores estivesse em terra naquela hora, separado dos companheiros, já que o seu barco, todos os dias, era o primeiro a despontar na linha do horizonte, capitaneando os demais.

- Salve Simão. Vejo que teu barco adormeceu na praia e não se fez ao mar. Acaso o mais notável pescador de Betsaida e Cafarnaum não tinha outras redes?

- Deus esteja contigo, Musa. Conto-te o que houve: Como pescador, jamais retornarei ao mar, nem o mar de novo me entregará o seu tesouro. Minha cota de arremessos, de tempestades e de regressos chegou ao fim. Agora preparo as redes para negociá-las ao término da sociedade que tenho com Zebedeu. Estou livre para a missão que Jesus de

Nazaré me confiou.

Embora algo de solene e temeroso perpassasse a voz do pescador, a notícia te alegrou na certeza de que a pregação de Jesus se aprofundava no povo.

E respondeste:

- Se te fazes discípulo de Jesus, o teu mar agora é aquele que se acaba nas praias da eternidade. Um vento destemido socorrerá tuas velas onde quer que te encontres, e teus braços se estenderão por todas as águas, suspendendo as almas.

Tua palavra será a tua rede.

- Verdadeiramente, Musa, consenti em me fazer pescador de almas. Percebi, em todos esses anos de pesca, que as mãos elevadas na direção dos peixes, que tantas vezes doei, precisam mais do que aquilo que pedem. Mas, preocupei-me com o Mestre me ter chamado de pedra sobre a qual Ele fundará a sua Igreja. Conheço pouco os Livros Sagrados, e ainda o arpão dos sete pecados me fere. Como posso ser esteio de edificação divina?

Fez-se silêncio. A humanidade, vinculada ao sentido de grandeza da missão, semeara dúvida na mente de Pedro. Um suplemento de força e de compreensão era pedido de ti. Te aproximaste do barco.

- Pois te digo, Simão, que um pescador está tão próximo da pedra quanto o mar da penedia. A vigília das grandes esperas, a ardência do sol nas calmarias, a luta contra as tempestades e o sal de todos os ventos forjaram em teu caráter a indole da rocha. Assim, és silêncio que suporta e força que não se perde. Nisso Jesus repousará seu sonho, exatamente entre as raízes do povo presente em ti, condutor e companheiro de tua gente.

RELEMBRANÇA POÉTICA

CHUVA E SOL

Álvaro Maia

*Aviões de névoa e fumo, os nevoeiros brancos
cobrem o espaço em cinza... O temporal soluça
e em brame, Brame... o rio em raivosos arrancos...
E, dobrada no leito, a borda dos barrancos,
com as folhas riscando as águas, a selva se debruça...*

*Mas escorre da altura, entre nuvens lilazes,
negras, pardas, azues-ren das a retremer,
o arco-iris, no esplendor de rebrilhos vivazes,
-sol na prisão de um véu de arminhos e de gases,
ou turbante de luz a esvoaçar de prazer.*

*Enquanto jorra a chuva, o sol, caindo louro,
achega ao ombro em braza o refulgente manto...
A chuva a tremular, no horror do sorvedouro,
Lembra um tear de platina entrelaçado de ouro,
tecendo o véu nupcial da natureza em pranto...*

PENSADOR

José Chevalier

*Em bloco informe e rijo camartello
Na dextra de Rodin produz estilhas...
Do seu cinzel o toque é ritornello
Prenuciante de eternas maravilhas.*

*Symetria de formas, já não brilhas!
Pois o artista, a sonhar-qual Donatello
Rasgando a pietra em luminosas trilhas...
Une a Verdade à perfeição do Bello.*

*Novo Hercules Farnése, em torva scisma
Surge: mão sob o mento, o olhar se abysma
Na voragem de acérbos desalentos...*

*Ser forjado em crisól de almas austeras,
Qual Ugolino, os filhos, noutras eras,
A devorar os próprios pensamentos!*

PRESÉPIO

Alencar e Silva

Vieram do Oriente, de reinos distantes, os que seguiram a estrela. De reinos cujos nomes não se guardaram, sabendo-se apenas que ficavam no Oriente, nas bandas de onde vem a luz. Seus nomes, porém, os nomes dos que acompanharam a estrela ficaram perpetuados no tempo, desde a noite em que O encontraram. Seriam reis e seriam magos. As manifestações exteriores de sua realeza pareciam evidentes na dignidade dos trajes e nos tesouros que portavam. E sua sabedoria parecia também manifesta no conhecimento da significação da estrela. E interpretavam assim esse sinal, em relação aos eventos que pressagiava: "Vimos um astro muito grande que brilhava entre as demais estrelas e as eclipsava, fazendo-as desaparecer. Nisto soubemos que a Israel havia nascido um rei, e viemos adorá-lo". Eis por que em seus cofres traziam presentes para um rei, constituídos do que havia de mais precioso no Oriente. Haviam visto, pois, o astro anunciador do nascimento daquele rei e vinham adorá-lo. Eis por que chegaram a Jerusalém perguntando onde estava o recém-nascido Rei dos Judeus. Disseram-lhes então que, segundo as escrituras, o libertador de Israel, o Messias, o Cristo devia nascer em Belém da Judéia. Para lá seguiram os magos. E, para sua alegria, a estrela voltou a guiá-los, até fixar-se sobre o lugar em que o menino e Maria, sua mãe, se encontravam.

Então, abriram os seus tesouros e, sob as espécies do ouro, incenso e mirra, deixaram aos pés do Menino as oferendas de sua adoração a um Rei, a

um Deus e a um Homem mortal.

Era uma gruta, segundo uns; uma casa, segundo outros. Como quer que fosse, o certo é que não havia lugar para a família do rei na estalagem da cidade e Maria, tendo dado à luz o seu filho, enfaixou-o e o reclinou numa manjedoura. Foi assim que O encontraram os Magos e os que em seguida chegaram.

Vieram, então, uns pastores, que guardavam seus rebanhos a alguma distância., trazendo ainda nos ouvidos o cântico, dos anjos, e também O adoraram. Não fora alucinação o que viram e ouviram: ali estava o Rei a quem foram mandados adorar. E ali, também, os Magos e os pais do Menino. E a humildade do jumento. E a brandura do boi. E a docilidade das ovelhas..

Em verdade, era uma gruta ou um estábulo, ainda longe da cidade. e Maria estava só, ao dar à luz o seu filho. Só, mas, assistida pelos anjos e pela estrela. José, o esposo, havia-a ali deixado e tomara o caminho da cidade, em busca de uma parteira. Ao voltar, o Menino já estava aos braços de sua mãe. E um resplendor intenso os envolvia.

Estábulo ou gruta, ou gruta e estábulo, o que reza a tradição é que a Noite em que os Magos e os pastores visitaram o Menino ficou perpetuada para sempre na beleza sem par do Presépio. E, se atentarmos bem e atentarmos melhor o nosso espírito, veremos que também no coro dos anjos que ainda ressoa em nosso ouvidos. Glória a Deus no mais alto dos céus...

A ETERNIDADE DA POESIA

Em nome da Academia Amazonense de Letras aqui estou para vos saudar, Snr. Rod Orton e transmitir, pela nossa cultura, o nosso abraço cordial e fraterno ao cidadão americano, portador da mensagem de inteligência daquele nobre povo amigo.

Estranha essa coincidência com que fostes assimilado, logo ao primeiro contacto com os homens de letra desta terra brasileira, nesta hora tão difícil, para congregar literatos e cultores de artes e ciências, que se abrigam nesta casa de inteligência.

É que os homens aqui ainda não perderam a esperança no poder das letras e da eternidade da mente humana. Somos daqueles que vivem afrontando tudo por amor aos livros e à pena.

Em vossa pátria, um dia, o grande Roosevelt, eleito seu Presidente, em 1933, deparando-se com a trágica situação que o assolava, com 12.000.000 de pais de família desempregados, com o escalabro da delinquência juvenil e a falência de poderosas empresas, Roosevelt, no meio da grande luta elevando a renda nacional, por cabeça, de 30 para 40 dólares, transcende a cultura do povo para a arte e para a literatura, voltando-se para o eterno mundo dos espíritos, ampliando Museus como o de "Arte Moderna" de Nova York, o de "Mellom Institute", com obras primas universais e o "Rockefeller Center" de Nova York, encarando o problema da arte e da diversão sadia do povo irmão.

A crença do estadista também es-

tava nas letras e nas artes e aquele grande sucessor do imortal Lincoln fez que o povo prestigiasse a literatura. E o povo substituiu o cinema vulgar pelo "E o vento levou", de Margaret Mitchell, com a venda de 2.000.000 de exemplares e muitos outros romances sérios, requintados de beleza como o "Of Mice and Men", de Steinbeck, bem como as obras de Faulkner, Wolf, Van Wick, Brooks e Thornton Wilde.

Roosevelt compreendia o poder das letras e da inteligência com nós o sabemos e como o sabe esse imortal homem que tem resistido a tantos embates pelas letras no Brasil, esse grande Pericles Moraes, nosso Presidente emérito, a quem coube reunir a esta hora este grupo de intelectuais, para dentro desse mundo materializado, ouvir alguma coisa da vida e da obra desse notável poeta de 80 anos de idade que é Robert Frost, que ainda não pode envelhecer para a inteligência e que, talvez, em outro lugar, fosse apedrejado pelo simples motivos de ter envelhecido pensando, escrevendo, lendo e amando as letras e as artes e vivendo o mundo modemo da poesia moderna de Whitman.

Temos assim a honra de vos saudar, sr. Rod Horton. Conhecemos vossa personalidade como professor de literatura da The New York University, de onde soubestes projetar a grandeza de vosso nome, a ponto de terdes recebido a honra de um convite para realizar um curso de literatura Norte Americana na Universidade do Brasil.

Vossa passagem por aqui não poderia ser silenciosa. Esta tribuna deveria ser honrada com vossa personalidade de escritor, de professor, de poeta.

Compreendemos porque escolhestes um tema tão interessante, indo buscar um dos maiores nomes da poesia norte-americana, um homem que encarna o velho espírito da Nova Inglaterra, aquele poeta que viveu o espírito do mestre e guia da nova geração. E entre nós, aqui, poetas desse mesmo tipo, angustiados pela poesia modernista, anseiam escutar essa poesia-mensagem de alma eterna.

De certo, ides apresentar-nos a mensagem mística de Robert Frost, na sua grande vida obscura. Eu, que o vi, quando passou há pouco tempo pelo Rio de Janeiro, pude admirar-lhe a gloriosa velhice e a sua eternidade poética no encantamento daquela "Fire and Ice".

Vossa sabedoria, Professor Rod Horton, irá mostrar-nos a beleza de um dos maiores poetas da Norte America.

A Academia vos agradece e vos saúda, nesse mundo de fraternidade e eternidade, que é o mundo dos Gongora, dos Jorge de Lima, dos Rimbaud, dos Apollinaire, Mallarmé, dos Baudelaire.

Recebei, portanto, as nossas saudações acadêmicas.

Eu vos saúdo.

Nota: discurso pronunciado em 6.7.955.

NOTAS ACADÊMICAS

A Academia tem dois de seus membros eleitos para o Senado Federal: Jefferson Peres e José Bernardo Cabral, vitoriosos nas eleições de outubro do ano findo. Homens intelectualmente brilhantes, representarão com invulgar compostura o Estado e, certamente, extenderão seus esforços a prol da entidade a que pertencem.

Aniversariam em janeiro, dia 14, os acadêmicos Newton Sabbá Guimarães, a 23 Mario Ypiranga Monteiro e a 27 Aderson Dutra, Já em fevereiro, receberam cumprimentos os acadêmicos José Braga no dia 15, Plínio Coelho a 21 e, a 24, Paulo Jacob.

A Revista da Academia, nº 22, está na fase de última revisão e se espera sua distribuição quando estas "Letras" estiverem circulando.

Uma notícia interessante: remetidos para o Rio de Janeiro 20 exemplares da coleção destas "Letras" e distribuídos à banca de jornais da Rua Constante Ramos, em pouco tempo esgotou-se a publicação, sinal de êxito de sua programação. Novas remessas serão feitas para divulgar o que a Academia está produzindo.

O Presidente da Academia, convidado pessoalmente, compareceu à solenidade de posse do novo Governador, dr. Amazonino Mendes, no

Teatro Amazonas e a transmissão do cargo pelo governador Gilberto Mestrinho, no Palácio Rio Negro.

O Presidente recebeu convite para a fundação da Associação dos Escritores do Amazonas, iniciativa do dr. Gaetano Antonaccio, assim como para integrar seus quadros no Conselho de Honra.

A impossibilidade da presença de seus membros, tem impecilhado a reunião da Diretoria da Academia, problema que se espera ser resolvido breve. A Assembléia Geral será convocada para estudar a proposta de reforma dos Estatutos da Casa, tornando-o mais flexível e eficiente.

